



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



LITERATURA INFANTIL E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS:

Como a Literatura infantil pode contribuir no processo de construção das identidades das crianças

KETHELYN DE FREITAS SOUZA

MARIANA – MG

2025

KETHELYN DE FREITAS SOUZA

LITERATURA INFANTIL E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS:

Como a Literatura infantil pode contribuir no processo de construção das identidades das crianças

Trabalho de Conclusão do
Curso em formato de artigo
apresentado como requisito
para a obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia.
Orientadora: Dr^a. Alexandra
Resende Campos
(DEEDU/UFOP)

MARIANA – MG

2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S729l Souza, Kethelyn de Freitas.

Literatura infantil e as relações étnico-raciais [manuscrito]: como a literatura infantil pode contribuir no processo de construção das identidades das crianças. / Kethelyn de Freitas Souza. - 2025.
41 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Alexandra Resende Campos.

Produção Científica (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em Pedagogia

1. Literatura infantil. 2. Relações étnicas. 3. Negros - Identidade racial. I. Campos, Alexandra Resende. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 82-93

Bibliotecário(a) Responsável: ELIANE APOLINARIO VIEIRA AVELAR - CRB6/3044



FOLHA DE APROVAÇÃO

Kethelyn de Freitas Souza

Literatura Infantil e as Relações Étnico-Raciais: como a literatura infantil pode contribuir no processo de construção das identidades das crianças

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia

Aprovada em 04 de abril de 2025

Membros da banca

Dr.^a Alexandra Resende Campos - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Alexandra Resende Campos, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 07/07/2025



Documento assinado eletronicamente por **Alexandra Resende Campos, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 07/07/2025, às 22:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0940210** e o código CRC **6BC7E897**.

RESUMO

O estudo aqui proposto tem por objetivo compreender a importância da literatura infantil para o processo de construção das identidades étnico raciais das crianças negras. Este trabalho, de caráter qualitativo, foi realizado a partir de quatro obras de literatura infantil que tive contato durante a minha graduação em Pedagogia, sendo elas: *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado(1986); *Betina*, de Nilma Lino Gomes(2011); *O mundo no Black Power* de Tayó, de Kiusam de Oliveira(2013) e o *Black Power* de Akin, de Kiusam de Oliveira(2020). Através da análise destes livros tive o intuito de compreender como as histórias infantis e a representação de personagens negros podem influenciar na maneira como as crianças se reconhecem, se aceitam e se identificam. Apoiado em estudiosos como Coelho(2000), Gomes(2005), Hall(2006) , Araújo(2018), entre outros. A pesquisa se debruçou sobre as concepções de identidade, sobre a literatura como um agente de formação e sobre os fatores que contribuem para a construção da identidade negra. Os resultados apontam para uma evolução no que diz respeito à representação dos personagens negros. Ainda, foi possível perceber que quanto mais antiga a obra, maiores as chances de uma representação de personagens negros estereotipados, com base em fundamentos racistas.

Palavras-chave: Literatura Infantil; Relações Étnico Raciais; Identidade Negra.

ABSTRACT

The study proposed here aims to understand the importance of children's literature for the process of constructing the ethnic-racial identities of black children. This qualitative work was carried out based on four works of children's literature that I had contact with during my undergraduate degree in Pedagogy, namely, *Menina bonita do gravata de fita* by Ana Maria Machado (1986); *Betina*, by Nilma Lino Gomes (2011); *O mundo no Black Power de Tayó*, by Kiusam de Oliveira (2013) and *o Black Power de Akin*, by Kiusam de Oliveira (2020). Through the analysis of these books, I intended to understand how children's stories and the representation of black characters can influence the way children recognize, accept and identify themselves. Based on scholars such as Coelho(2000), Gomes(2005), Hall(2006), Araújo(2018), among others, the research focused on the conceptions of identity, literature as an agent of formation and the factors that contribute to the construction of black identity. The results point to an evolution regarding the representation of black characters. Furthermore, it was possible to perceive that the older the work, the greater the chances of a representation of stereotypical black characters, based on racist foundations.

Keywords: Children's Literature; Ethnic-Racial Relations; Black Identity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. SOBRE A REALIZAÇÃO DESTE ESTUDO E AS OBRAS ANALISADAS.	8
3. CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS: BREVES REFLEXÕES.	9
4. LITERATURA INFANTIL: AGENTE DE (TRANS)FORMAÇÃO	13
4.1 A LITERATURA A INFANTIL, AS RELAÇÕES ETNICO RACIAIS E A IDENTIDADE NEGRA	16
5. A LITERATURA INFANTIL E AS RELAÇÕES ETNICO RACIAIS NO MEU CURSO DE PEDAGOGIA.	20
6. ANÁLISE DAS OBRAS.	29
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.	36
8. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	38

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da minha trajetória acadêmica foram muitos os momentos aos quais pude refletir e dialogar a respeito dos processos de ensino e aprendizagem, das diversidades culturais, sociais e identitárias dos/as educandos/as (crianças, jovens, adolescentes e idosos). Todos estes elementos, e mais tantos outros, foram parte dos meus estudos e me fizeram considerar aspectos que durante a minha vida, muitas vezes, me passaram despercebidos. Como, por exemplo, a escassez de acesso, durante a educação básica, a livros com protagonistas negros ou em que o personagem negro fosse representado positivamente, sendo valorizado em suas características físicas, sua cultura e sua existência. Ou, a falta de conteúdos curriculares e atividades pedagógicas voltadas especificamente para o ensino das relações étnico-raciais, colaborando para a valorização de uma diversidade étnica, histórica e cultural existente em nossa sociedade.

Entretanto, desde o primeiro período do curso de Pedagogia, a temática étnico racial se fez presente através de diferentes disciplinas que nos convidam a estabelecer discussões a respeito da invisibilidade e a marginalização da criança negra, bem como a falta de representatividade e a desvalorização de uma diversidade étnica, histórica e cultural. Assim, ao longo do curso, os estudos e debates contribuíram com esse processo formativo e reflexivo a respeito da diversidade cultural, a pluralidade das identidades dos/as atores/as sociais e a necessidade de se romper com a neutralidade tão enraizada em nossa sociedade, tanto no ambiente escolar quanto fora dele.

Neste sentido, as disciplinas que dialogavam com os sujeitos, o currículo, a teoria e as práticas reforçam ainda mais os elementos que atravessam o ensino das relações étnico-raciais, como os conceitos de identidade, multiculturalismo e interculturalidade. Diante disso, tais disciplinas foram agentes fundamentais para as contribuições sobre o tema no que diz respeito ao entendimento sobre a importância do currículo escolar e seus impactos na legitimação e reprodução de preconceitos. Como também, reflexões que se referem ao reconhecimento de uma cultura plural e a valorização das singularidades dos sujeitos.

Outro momento de contato direto com este tema, se deu ao longo do período de atuação no Estágio dedicado aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Durante este processo observei diretamente como as crianças negras não se identificavam como tal, assim como não tinham acesso a livros em que os personagens as representassem. Ainda, durante um trabalho de pintura feito em sala de aula, percebi como as crianças negras consideravam suas características físicas inferiores aos colegas brancos. Neste trabalho, as crianças deveriam colorir alguns personagens do folclore brasileiro, entre eles estava o “Negrinho do Pastoreio” e todas as crianças, o coloriram como um personagem branco. Mesmo com a intervenção da professora, as crianças não aceitaram que ele era um personagem negro, chegando a dizer que o tom da pele dele estava mais bonito “daquele jeito”, ou seja, pele branca.

Consequentemente, conforme vivenciava todas essas experiências, foi possível compreender que a literatura infantil poderia ser um agente importante, tanto para o processo formativo da criança, bem como para a construção de sua identidade e subjetividade. Logo, os debates e reflexões sobre a escassez de livros infantis que colocassem personagens negros em papéis de destaque e sem estereótipos racistas se tornavam cada vez mais frequentes. Assim, os assuntos que envolviam a temática étnico racial e seus desdobramentos se tornaram grandes responsáveis pelas minhas reflexões e interesses, dando origem a este trabalho.

Sendo assim, o estudo aqui proposto busca entender o papel que a literatura infantil pode desempenhar no processo de construção das identidades das crianças negras. Através da análise de quatro livros infantis, que tive acesso e trabalhei durante o curso de Pedagogia e abordam a temática étnico-racial, existe a intenção de compreender a importância da literatura infantil no processo de construção das identidades étnico raciais das crianças.

Ainda, busca-se compreender a importância da literatura para a construção do imaginário infantil, analisar o protagonismo de personagens negros e negras nas literaturas infantis que abordam as relações étnico raciais e compreender como a literatura infantil pode contribuir para romper as barreiras dos estereótipos raciais, promover o respeito e autoestima das crianças.

Para tanto, este trabalho está dividido em cinco seções, além da presente introdução e considerações finais. Na primeira seção será apresentada brevemente a metodologia. Na segunda seção serão apresentadas algumas reflexões a respeito das concepções e fatores que influenciam nos processos identitários. Na terceira seção será apresentada a literatura infantil como agente de formação, de transformação social, sua relação com as relações étnico-raciais e a construção da identidade negra. Na quarta seção será apresentada a descrição dos livros selecionados e na quinta seção será apresentada a análise crítica das obras.

2. SOBRE A REALIZAÇÃO DESTE ESTUDO E AS OBRAS ANALISADAS

Para elaboração deste estudo realizou-se uma abordagem qualitativa. De acordo com MARTINS (2004), a pesquisa qualitativa tem como definição aquela que favorece a análise de microprocessos, por meio de investigação das ações sociais, individuais e grupais, em que há uma intensa verificação dos dados, caracterizada pela heterodoxia no momento da análise, o que pode resultar em uma captação de materiais variados. Isso exigirá do pesquisador uma capacidade crítica para se atribuir a esses materiais seus significados.

Ainda, com base em seus estudos, Martins (2004), ressalta sobre a necessidade do pesquisador utilizar sua intuição e imaginação, exercendo, dessa maneira, uma espécie de trabalho artesanal, visto não só como um agente condicionante para a execução de uma análise mais profunda, mas também para a liberdade do intelectual.

Dessa forma, a busca de dados para este trabalho será feita através da seleção, leitura e análise de livros infantis que abordam a temática étnico racial, com o objetivo de compreender de que forma os personagens negros são representados nas histórias infantis e como esta representação influencia na construção identitária da criança negra.

Portanto, foram selecionadas quatro obras que tive contato e estabeleci alguns diálogos ao longo da minha graduação em Pedagogia. Os livros selecionados foram: *Menina bonita do laço de fita* (1986), escrito por Ana Maria Machado; *Betina* (2011) de Nilma Lino Gomes; *O mundo no Black Power de Tayó* (2013) e *O Black Power de Akin* (2020) ambos escritos pela autora Kiusam de Oliveira. Em seguida foi feita a leitura minuciosa e análise dos livros selecionados.

Para realizar a análise das obras selecionadas apoiei-me em outros estudos e pesquisas que já trabalharam com literatura infantil e as relações étnico raciais como Oliveira (2005); Mata(2015);Araújo (2018);Lima (2018);Rosa (2022); Anastácio (2023), entre outros.

3. CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS: BREVES REFLEXÕES

Stuart Hall (2006), através de seus estudos sobre identidade, traz uma abordagem a respeito do que pode ser uma certa “crise” de identidade no período pós-moderno, trazendo à tona três concepções diferentes de identidade. Segundo Hall, o sujeito do iluminismo se tratava de um indivíduo centrado, racional e consciente. Sendo esta primeira, uma concepção muito individualista, já que a identidade pessoal do indivíduo teria como característica o “eu” como centro essencial, ou seja, o indivíduo era dotado de uma identidade fixa. A segunda concepção fala sobre o sujeito sociológico, sendo este o resultado da relação do mundo moderno do indivíduo e a interação com o mundo cultural que acaba por modificar-se. Essa concepção traz a reflexão a respeito da importância da interação entre os pares para a construção do sujeito.

A partir disso entende-se que o indivíduo centrado e estável já se torna um ser fragmentado, em que sua identidade já não é mais fixa, mas sim composta por várias outras identidades que podem ser descentralizadas e irracionais. Daí surge o sujeito pós-moderno, em que sua concepção se baseia em que este não teria uma identidade fixa ou permanente. “A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p.13).

Diante disso, fica claro que a construção das identidades dos sujeitos acontecem de várias formas e são influenciadas por diferentes fatores sociais, históricos e culturais. Evidencia-se então que o processo de construção das identidades são complexas e são estabelecidas de acordo com as experiências, as relações e as interações vividas, tanto com os espaços quanto entre os grupos sociais.

Assim, é necessário dizer que a construção da identidade negra também acontece da mesma forma que os demais processos identitários, em que as relações pessoais e sociais estão interligadas e influenciam diretamente na construção da

identidade social dos indivíduos. É preciso destacar que a construção da identidade negra é um processo que demanda atenção, pois, por muito tempo, as pessoas negras foram incentivadas a rejeitar seus traços, seus cabelos, sua cor, sua história, sua cultura e sua pluralidade.

Neste sentido, Nilma Lino Gomes explica que:

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as) (GOMES,2005,p.43).

Dessa maneira, a identidade negra se dá em meio às relações pessoais, sociais, históricas, culturais e étnicas, em consequência de interações estabelecidas com grupos e produções étnicas culturais e raciais, favorecendo, positivamente, uma percepção afirmativa de si mesmo. Assim, quando se fala sobre as questões que atravessam a construção da identidade negra e as relações étnico-raciais, é necessário levar em conta que a identidade negra se desenvolve de maneira gradativa, sendo construída em diferentes espaços que ocupam. Como apontado por Gomes (2005,p.44).

Sendo entendida como um processo contínuo, construído pelos negros e negras nos vários espaços – institucionais ou não – nos quais circulam, podemos concluir que a identidade negra também é construída durante a trajetória escolar desses sujeitos e, nesse caso, a escola tem a responsabilidade social e educativa de compreendê-la na sua complexidade, respeitá-la, assim como às outras identidades construídas pelos sujeitos que atuam no processo educativo escolar, e lidar positivamente com a mesma.

Dessa forma, quando se trata do ambiente escolar, e a inserção e ampliação do ensino das relações étnico-raciais, estamos tratando também sobre a necessidade de abordar alguns elementos que se cruzam e dialogam com as questões relacionadas aos processos identitários dos sujeitos. Assim,diversos autores como

Gonçalves; Silva (1998); Fleuri (2003); Romani; Rajobac (2011); Freitas (2019) vêm demonstrando que conceitos como a diversidade étnico racial, o multiculturalismo e a interculturalidade são fundamentais em busca de uma educação democrática, antirracista e o fortalecimento dos processos identitários.

Posto isso, Freitas, explica que:

A diversidade étnico-racial é uma miscigenação de várias raças, representadas pelo movimento do povo negro, através de suas raízes reconhecendo de forma positiva a sua cultura afrodescendente, e a sua valorização nos diversos segmentos da sociedade (FREITAS, 2019, p.16).

Isto é, a miscigenação é um elemento que faz parte da sociedade e da cultura brasileira, resultando nas diferenças que caracterizam as identidades e subjetividades dos sujeitos, contribuindo diretamente para a diversidade étnica, histórica e cultural do nosso país.

Dessa forma, quando se fala em diversidade, estamos tratando também de uma sociedade multicultural, uma vez que o multiculturalismo representa ideais que têm como base as questões sociais, culturais, políticas e ideológicas em que alguns dos seus objetivos são a valorização e o reconhecimento do indivíduo como um ser pensante, crítico e plural. Isto é, contestando diretamente a neutralidade, a cultura etnocêntrica, a reprodução dos sistemas desiguais, discriminatórios e preconceituosos presentes em nossa sociedade. Neste sentido, Gonçalves e Silva, esclarecem que:

Falar do multiculturalismo é falar do jogo das diferenças cujas regras são definidas nas lutas sociais por atores que por uma razão ou outra experimentam um gosto amargo da discriminação e do preconceito no interior das sociedades em que vivem. (GONÇALVES; SILVA, 1998, p. 11).

Diante disso, o multiculturalismo carrega variadas possibilidades que podem ser direcionadas a diferentes demandas, que vão desde uma mobilização de ideais que contestam diretamente qualquer forma de “centrismos” culturais, até a defesa de uma

estratégia política de integração social. Além disso, o multiculturalismo pode ser visto como um corpo teórico que é totalmente capaz de orientar e produzir conhecimento. Sendo assim, o multiculturalismo surge a partir de princípios étnicos que acabam por ser orientadores das ações de demais grupos culturalmente dominados que vão contra a um sistema de reprodução das desigualdades sociais.

Consequentemente, ao se tratar deste tema é fundamental que ocorra o rompimento com os preconceitos enraizados em nossa sociedade, em busca da compreensão das identidades culturais e distinções de cada grupo social. Assim, a interculturalidade surge como uma proposta pedagógica que visa fortalecer as relações de respeito e colaboração entre diferentes culturas e indivíduos. Já que a intercultura está diretamente relacionada a contextos como etnia, raça, cor e gênero.

A intercultura refere-se a um complexo campo de debate entre as variadas concepções e propostas que enfrentam a questão da relação entre processos identitários socioculturais diferentes, focalizando especificamente a possibilidade de respeitar as diferenças e de integrá-las em uma unidade que não as anule (FLEURI, 2003,p.16).

Com isso, é importante salientar que quando se fala de uma educação intercultural, é com o objetivo de expandir o diálogo entre as culturas e que todas elas sejam incluídas nos processos de ensino e aprendizagem, colaborando para a percepção da existência de diferentes manifestações culturais e de uma sociedade multicultural e pluriétnica, contribuindo continuamente para o processo de construção das identidades dos sujeitos.

4. LITERATURA INFANTIL: AGENTE DE (TRANS)FORMAÇÃO

A leitura é uma prática social introduzida na vida das crianças desde muito cedo, por meio da literatura infantil e da contação de histórias realizadas por seus responsáveis e demais familiares. Essa prática ganha ainda mais força ao ingressarem nas escolas, sendo este um ambiente que irá favorecer o encontro do leitor com o livro, o qual as crianças poderão ter acesso a novos referenciais literários, através da mediação de professores e professoras.

Diante disso, Coelho defende que:

[...] a escola é, hoje, o espaço privilegiado, em que devem ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E nesse espaço privilegiamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real e suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis, e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente[...] (COELHO, 2000, p. 16).

Neste sentido, é possível entender que literatura infantil é capaz de contribuir de diferentes maneiras para o processo formativo das crianças. Além dos aspectos objetivos como, a aquisição da escrita e a oralidade, a literatura favorece também a aquisição de novos conhecimentos, desenvolve a criatividade e a imaginação e cumpri uma função importante para questões mais subjetivas como o entendimento e o respeito sobre a existência, a percepção e o reconhecimento do outro e de si mesmos.

Junto a isso, a escola também representa um espaço significativo para o processo de aquisição de aprendizagens das crianças. Fazendo uso de diferentes métodos e estímulos, que buscam o desenvolvimento cognitivo e afetivo dos

indivíduos, a escola é responsável por promover interação social, socialização e a formação de seres críticos, pensantes e formadores de opinião.

Entretanto, muitas vezes, as instituições de ensino podem ser palco para a reprodução e legitimação de comportamentos discriminatórios enraizados em nossa sociedade, o que pode contribuir, negativamente, na maneira como as crianças se reconhecem, se aceitam e se identificam. Principalmente quando se trata de crianças negras, em que o ambiente escolar pode significar o início do enfrentamento ao racismo.

“A escola, por vezes, representa o primeiro espaço em que muitas crianças sofrem racismo, seja por parte dos colegas de turma, dos professores e funcionários da escola ou mesmo por meio da literatura presente em sala de aula (LIMA, 2018, p. 12).”

A Lei 10.639 de 2003 determina, obrigatoriamente, a inclusão da temática, “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” nos currículos das redes de ensino de todo o país. A implementação da Lei tem por objetivo reparar os danos causados, ao longo dos anos, contra a história, a cultura e a existência da população negra. Logo, busca-se garantir o reconhecimento e a valorização da identidade, da pluralidade e da diversidade étnico racial existente em nossa sociedade.

Deste modo, o Ministério da Educação esclarece que :

Com esta medida, reconhece-se que, além de garantir vagas para negros nos bancos escolares, é preciso valorizar devidamente a história e cultura de seu povo, buscando reparar danos, que se repetem há cinco séculos, à sua identidade e a seus direitos. A relevância do estudo de temas decorrentes da história e cultura afro-brasileira e africana não se restringe à população negra, ao contrário, diz respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática (BRASIL, 2004, p. 17).

Desse modo, a literatura infantil surge como uma ferramenta importante para oportunizar uma educação antirracista para as crianças, possibilitando que elas possam conhecer e explorar, através de produções literárias, diferentes culturas, diferentes histórias, diferentes representações e elementos que valorizam a

diversidade social, cultural e étnica presentes em nossa sociedade. Assim, com o intuito de ampliar os conhecimentos e estimular o debate, a literatura infantil se manifesta como um agente de transformação social para a desconstrução de estereótipos e de padrões ideológicos determinados por uma sociedade que inferioriza e desqualifica grupos sociais minoritários.

4.1 LITERATURA INFANTIL, AS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DAS CRIANÇAS NEGRAS

Como mencionado anteriormente, a literatura infantil possui um papel importante para o processo de ensino e aprendizagem dos pequenos. Isto porque, as obras literárias vem a ser uma ferramenta pedagógica que permite que a criança, através de diversos gêneros, desenvolva sua habilidade cognitiva e social, a criatividade e a construção do imaginário infantil. Além do mais, pode contribuir para a construção da identidade social, bem como para a constituição de valores morais, éticos e culturais, visto que a leitura ampliará os conhecimentos e visão de mundo.

Dessa maneira, é importante ressaltar que para o ensino das relações étnico-raciais esses elementos impactam, diretamente, a vida das crianças negras, visto que, o acesso a produções literárias, em que as crianças negras possam se ver representadas de forma positiva, em um local de protagonismo, onde suas características físicas e culturais sejam valorizadas, irá colaborar, significativamente, para a construção de suas identidades, contribuindo, cada vez mais, para o afastamento dos estereótipos raciais e do preconceito.

Araújo (2018), traz uma síntese de estudos que tiveram como tema as relações étnico-raciais, a literatura infantil e juvenil, principalmente os livros que abordavam os grupos negros e brancos. Através de uma pesquisa qualitativa Araújo (idem) faz uma análise e estabelece duas categorias: a análise literária e a escolarização da literatura. De uma maneira geral, os resultados desta análise mostraram que pequenas mudanças ocorreram no que diz respeito à representação de personagens negros, com uma menor tendência a uma representação com base em estereótipos raciais e com uma maior valorização da estética negra. Em contrapartida, no que se refere aos arquivos, ainda ficou evidente uma categorização de personagens negros em papéis de sub-representação e uma persistência na valorização de uma branquitude normativa, tanto no que se trata da elaboração de personagens brancos bem como ao pressuposto de leitores brancos.

De acordo com Araújo (2018) :

Um elemento emergente que se realçou em algumas pesquisas é a constatação de que se, as políticas públicas não assumem tal demanda, o impacto na escola tem sido bastante significativo: no contexto de sala de aula, sobretudo no tocante à recepção da leitura de obras com temáticas africanas e afro-brasileiras, por parte de estudantes predominaram resultados negativos já que a maioria das pesquisas identificou resistência e aversão a personagens negras, realçando o papel que as formas simbólicas como a literatura exercem na formação identitária dos grupos sociais (ARAÚJO,2018,p.73-74).

Assim, evidencia-se que, embora já ocorram alguns avanços no que diz respeito à representação de personagens negros, existe ainda a necessidade de uma maior adesão e introdução de obras literárias que valorizem a cultura africana e afro-brasileira no ensino, a fim de reafirmar a valorização de uma diversidade cultural, social, étnica e racial, como elementos significativos para a construção dos processos identitários das crianças negras. Promovendo um sentimento de identificação, de pertencimento e, conseqüentemente, de auto aceitação. Já que historicamente, esses povos são discriminados e retratados com base em estereótipos racistas fundamentados em suas origens afro descendentes.

É importante dizer que o processo de construção das identidades sociais e culturais são complexas e não acontecem de forma automática. Esse processo ocorre a partir das relações estabelecidas entre os indivíduos desde o momento do seu nascimento, tendo início em seu ambiente familiar, passando pelas interações com os demais e com os espaços em que estão inseridos.

Assim, como em outros processos identitários, a identidade negra se constroi gradativamente, num movimento que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, no qual os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividades e onde se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente este processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece. (GOMES,2005,p.43),

Dessa maneira, demonstra-se a necessidade de uma maior articulação com obras literárias que abordam a temática étnico-racial dentro das salas de aula, com o intuito de reafirmar e enaltecer a diversidade e a pluralidade humana como elementos

importantes para a cultura e para a sociedade em geral, promovendo de forma progressiva uma identificação genuína por parte das crianças negras, visto que, tradicionalmente são utilizadas e apresentadas produções literárias com uma maior valorização de uma branquitude normativa.

Diante disso, a maneira como o personagem negro é representado nos livros infantis está relacionada diretamente ao processo de construção das identidades das crianças negras. Isto é, a depender de como as ilustrações presentes nos livros são elaboradas podem influenciar no significado dado pela criança àqueles personagens, impactando a sua percepção individual e, conseqüentemente, trazendo prejuízos a construção de sua subjetividade. Surge a necessidade da interação da criança negra com produções literárias que manifestem a valorização da estética, da história e da cultura negra para que ela possa se ver verdadeiramente representada.

Ao interagir com um livro de literatura infantil as crianças imaginam-se nos papéis desempenhados pelos personagens das histórias, vivem seus medos e angústias, celebram suas vitórias e finais felizes, e muitas vezes, por meio das histórias resolvem seus próprios conflitos, conhecem o mundo em que vivem e constroem sua identidade. Torna-se importante, portanto, que as crianças negras também se sintam representadas nas histórias que leem (LIMA,2018,p.21).

Neste sentido, diversos estudos e pesquisas (OLIVEIRA,2003; ARAÚJO,2018; LIMA 2018; entre outros) vem demonstrando que a representação de personagens negros, através de narrativas positivas na literatura infantil, se torna necessário para o processo de construção das identidades étnico raciais das crianças negras. É preciso que a criança tenha acesso a referenciais que exaltem suas marcas identitárias como, seus traços, seu cabelo, sua história e sua cultura para que ela se sinta parte integrante daquele grupo social.

Conforme apontado por Lima,

[...]as ilustrações contidas nos livros de literatura infantil e juvenil podem contribuir para a construção de sentido atribuído pelas crianças e também para a construção do imaginário infantil.A representação do corpo negro nas histórias infantis, sobretudo àquelas que representam crianças em seus

personagens, poderá contribuir para a construção de como a criança negra enxergará o seu próprio corpo e significará sua identidade negra(LIMA,2018,p.23-24).

Portanto, o uso de obras literárias que valorizem a cultura africana e afro-brasileira são importantes para a desconstrução de uma perspectiva eurocêntrica e hegemônica em que os padrões da branquitude são supervalorizados, colaborando para o reconhecimento de uma diversidade étnico racial e a valorização de diferentes referenciais estéticos, sociais e culturais .

5. A LITERATURA INFANTIL COMO FOCO NAS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS NO MEU CURSO DE PEDAGOGIA

De acordo com estudos de Mata,

Ouvir histórias suscita o imaginário das crianças, responde questões até então habitadas no imaginário infantil, propicia a solução de muitos questionamentos, abre possibilidades de descoberta para que as crianças desvendem um mundo de conflitos, de impasses, encontrem soluções para os dilemas que vivem e atravessam, de modos distintos os problemas apresentados são enfrentados ou não, resolvidos ou não, pelas personagens de cada história, cada uma a seu modo(MATA,2015,p.63).

Entretanto, Mata (2015), com base em suas pesquisas, revela que o personagem negro, sendo ele protagonista ou herói, não fomenta a imaginação das crianças não acontecendo identificação. A pesquisa ainda evidencia que as crianças desejam ser parecidas com os personagens brancos, mesmo que eles não sejam os protagonistas.

Assim, a partir dessas considerações é ressaltada a necessidade de que obras que tratem da temática étnico-racial sejam incluídas constantemente, como uma prática pedagógica com a intenção de suscitar a imaginação infantil e contribuir para o processo de construção e afirmação da identidade negra.

Diante disso, trago a descrição de quatro diferentes livros de literatura infantil que têm como protagonistas personagens negros, os quais tive contato durante o curso de Pedagogia, com o objetivo de compreender de que forma esses personagens são representados nas histórias infantis. Dessa maneira, os livros descritos são: *Menina Bonita do Laço de Fita* (1986), *Betina*(2009), *O Mundo no Black Power* de Tayó (2013, e *O Black Power* de Akin(2020).

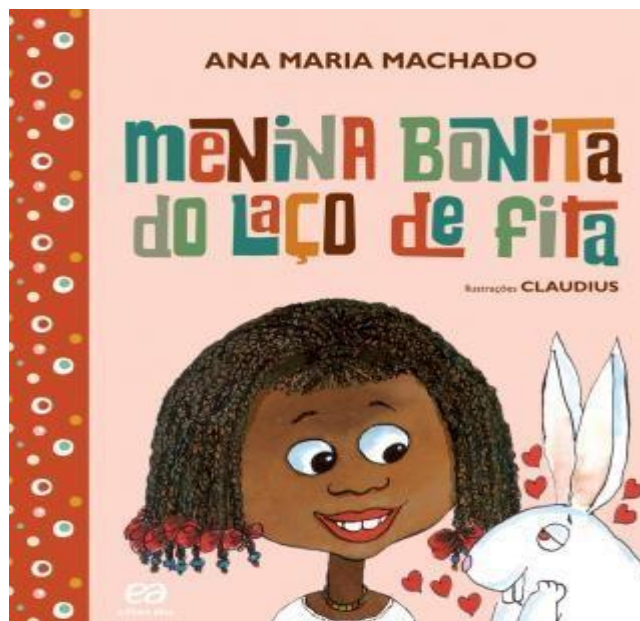


Imagem: capa / acervo pessoal

Menina Bonita do Laço de Fita, 1986, escrito pela autora Ana Maria Machado, retrata a história de uma linda menina negra que era questionada por um Coelho branco sobre a cor da sua pele.

“Era uma vez uma linda menina linda, linda.[...]Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite(p.3)”.

A mãe dela gostava de trançar seus cabelos e enfeitá-los com laço de fita. Ao lado de sua casa morava um Coelho branco que achava a menina a pessoa mais linda que ele já tinha visto.

“Ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela(p.7).”

Até que um dia ele resolveu ir até a casa dela e perguntou como ela fazia para ser tão pretinha.

“Menina bonita do laço de fita, qual é o seu segredo para ser tão pretinha?[...]Ah, deve ser porque eu caí na tinta preta quando eu pequenina(p.8)”.

O Coelho logo foi atrás de uma lata de tinta preta e tomou banho com ela. Ele ficou negro como queria, mas depois de uma chuva ficou branco outra vez. Assim, o Coelho voltava na casa da menina e perguntava como ela fazia para ser tão pretinha. Ela, por sua vez, não sabia a resposta correta e inventava um motivo. E o Coelho saía em busca de reproduzir o que a menina havia dito pra ficar pretinho também, mas sempre sem sucesso.

Em uma das ocasiões em que o Coelho voltou a casa da menina para perguntar, mais uma vez, o que ela fazia para ser tão pretinha e quando ela já estava inventando mais uma história, surge a mãe da menina e interrompe a conversa dizendo:

“Artes de uma avó preta que ela tinha(p.15)”.

O Coelho viu que a mãe da menina dizia a verdade, já que a gente se parece como os nossos antepassados e se ele queria ter uma filha pretinha então teria que se casar com uma Coelha pretinha também. Logo se apaixonou por uma Coelha preta que conheceu. Namoraram, casaram e tiveram muitos filhos, incluindo uma Coelha bem pretinha, igual a menina Bonita do laço de fita.

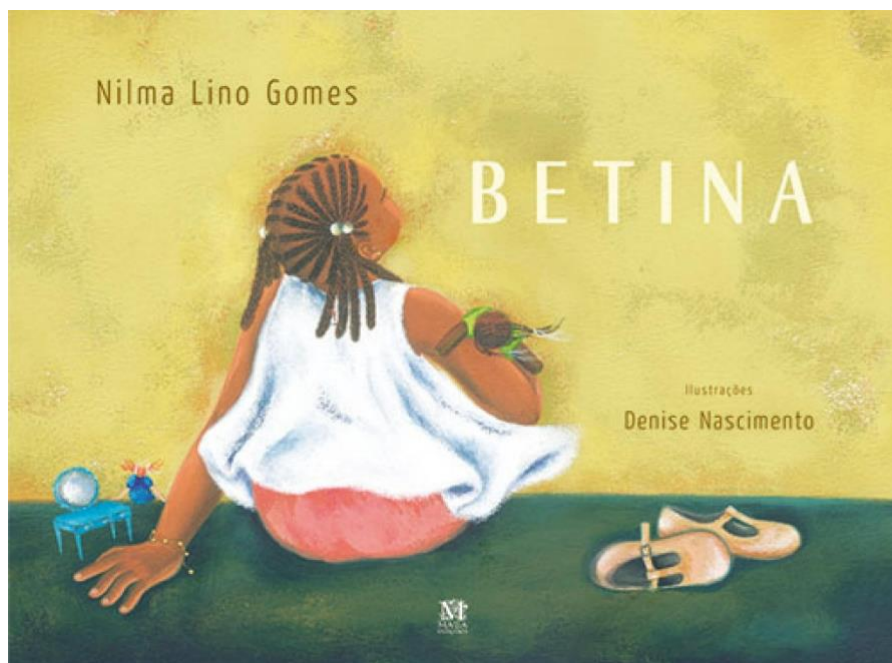


Imagem: capa/ acervo pessoal

O livro *Betina*, (2009), escrito pela autora, Nilma Lino Gomes, conta a história de uma linda menina negra chamada Betina. Betina tinha uma relação de muito carinho com sua avó e amava quando sua avó lhe fazia lindos penteados em seus cabelos. Enquanto a avó trançava os cabelos de Betina, elas aproveitavam para conversar, cantar e contar histórias.

“Quando a avó terminava o penteado, Betina dava um pulo e corria para o espelho. Ela sempre gostava do que via. Do outro lado do espelho, sorria para ela uma menina negra, com dois olhos grandes e pretos como jabuticabas, um rosto redondo e bochechas salientes, cheia de trancinhas com bolinhas coloridas nas pontas (p.8).”

Por onde Betina passava, todos admiravam seus cabelos sempre com penteados novos. As coleguinhas, da escola, perguntam para Betina como as tranças eram feitas e ela sempre explicava toda orgulhosa. Também havia aqueles que não

gostavam das tranças da menina e implicavam com ela quando ela não estava olhando. Mas Betina, não se escondia, respondia de forma enérgica às provocações dos colegas.

“Para com isso! Tá com inveja é?! Se quiser, peço minha avó para fazer trancinha no seu cabelo também (p.12).”

O tempo passava e enquanto isso Betina crescia, sua avó envelhecia e sentindo que a hora de se encontrar com seus ancestrais chegaria decidiu ensinar Betina a fazer tranças, com a condição de que a neta trançasse os cabelos de toda gente que chegasse até ela, auxiliando no processo de auto aceitação e identificação de cada uma dessas pessoas. A menina aprendeu rapidamente, tanto que começou a trançar os cabelos de toda a família, dos vizinhos e até da própria avó.

Assim, chegou o tempo de sua avó se encontrar com os seus ancestrais e Betina, já adulta, se tornou uma cabeleireira de sucesso e foi convidada a palestrar sobre a arte de trançar os cabelos. Seu salão de beleza estava sempre cheio e Betina sempre se lembrava dos ensinamentos da avó.

“Se minha avó estivesse aqui, ela ia ficar orgulhosa!(p18)” , pensava Betina com lágrimas nos olhos.

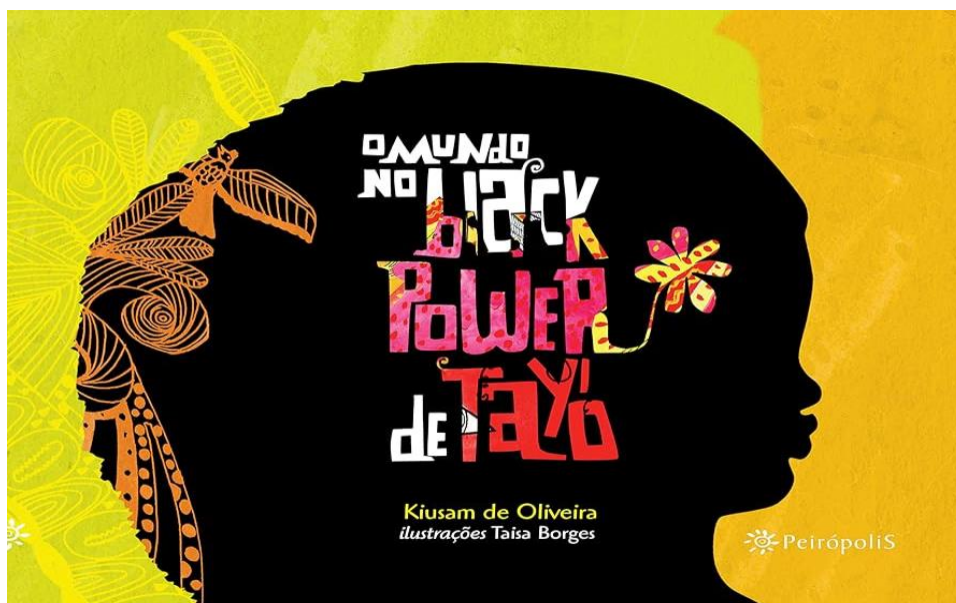


Imagem: capa/acervo pessoal

O Mundo no Black Power de Tayó, 2013, escrito por Kiusam de Oliveira, narra a história de uma linda menina negra que tem orgulho do seu cabelo crespo e mantém um lindo penteado Black Power.

“Tayó tem 6 anos. É uma menina de beleza rara. Encantadora, sua alegria contagia a todos que perto dela ficam (p.9).[...] Sobre a cabeça, a parte do corpo de que ela mais gosta, ostenta seu enorme cabelo crespo, sempre com um penteado chamado Black Power (p.17).”

Tayó ama o seu penteado e gosta de colocar diversos enfeites nele. Ela sempre pede que sua mãe coloque florzinhas, borboletinhas, fios de lã coloridos e uma linda flor em seu penteado.

“Mamãe, hoje quero meu Black Power com uma tirinhas de trança feitas com fios de lã coloridos, arrematada com uma linda flor.

E lá se põe a mãe a trançar seus cabelos com fios de lã, para enfeitá-los com uma belíssima flor colorida(p.22).”

O Black Power de Tayó, representa a sua história e ela é capaz de projetar toda sua imaginação e tudo o que ela mais ama em seu penteado. Tayó se orgulha de quem é e não deixa se abalar diante de um episódio racista sofrido por seus colegas de classe.

“Bem-humorada, quando seus colegas de classe dizem que seu cabelo é ruim, ela responde:

Meu cabelo é muito bom porque é fofo, lindo e cheiroso. Vocês estão com dor de cotovelo, porque não podem carregar o mundo nos cabelos como eu posso(p.27).”

Assim, Tayó projeta todas as memórias de seu povo em seus cabelos e mesmo, em meio a lembranças tristes, como a vinda forçada de africanos e africanas para o Brasil, ela consegue transformar toda a tristeza em alegria, quando projeta, em seu penteado, toda a cultura, a história, as crenças e os saberes de seus antepassados.

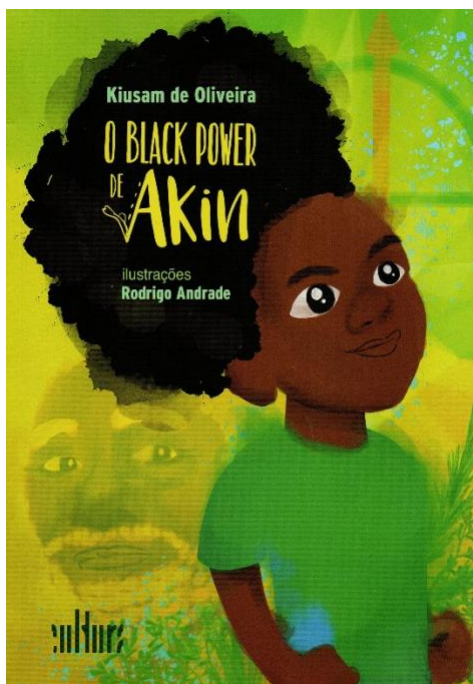


Imagem: capa/acervo pessoal

O Black Power de Akin, 2020, de Kiusam de Oliveira, narra a história de Akin, que mora com seus dois irmãos mais novos e seu avô, Seu Dito Pereira, na cidade de Noar.

“A noite de Noar tem cheiro de pão quente, café fresco e bolo de fubá preparados no fim da tarde para a manhã seguinte(p.8)”.

Akin estuda em uma Escola Estadual de Noar desde que era bebê e mantinha os mesmos amigos. Só que agora, Akin, com 12 anos, estava sendo alvo de apelidos por parte desses mesmos amigos em razão do seu cabelo e da cor da sua pele.

“Peguei! Peguei o “Pelé”!(p.14)”

“Achei! Achei o “Buiú”! (p.15)”

“Parem com isso. O que estão fazendo não é certo. Vocês sabem meu nome! – retrucou Akin(p.15)”.

Akin, muito chateado com toda a situação, não queria acreditar que seus amigos poderiam lhe tratar dessa maneira e com lágrimas nos olhos sofria diante de todo o preconceito. Diante dos fatos, os dias eram difíceis para Akin, que escondia seus cabelos debaixo de um boné para ir à escola em casa, quando se olhava no espelho desejava ver um menino branco no reflexo.

Em determinado momento, a tristeza do menino dá lugar a raiva e ele pensa em cortar os cabelos e quando está prestes a executar o corte é impedido por seu avô. Seu Dito, retira a Tesoura da mão dele e o acolhe com um forte abraço.

“Meu neto! O que você **tem**? Por que tanta consumição?”

“Ô meu avô... eu só queria ser diferente do que sou; queria ser branco! [...]”(p.22)

Seu Dito o corrige e reforça que ele não precisa se sentir inferior a ninguém e que deve se aceitar como é e reconhecer a sua beleza. Então, pega o berimbau e canta uma ladainha para os seus netos, mostrando todo o sofrimento e desvalorização que o negro sofre e alerta sobre a luta é precisa para se alcançar a valorização e o respeito.

Seu Dito, enquanto prepara uma mistura a base de erva para Akin passar nos cabelos, mostra para o neto uma pasta com desenhos e fotos dos seus antepassados, demonstrando que todos são negros e possuem o cabelo crespo. E conta que herdaram a crespitude dos antepassados que eram reis e rainhas, africanos e africanas, surpreendendo o menino.

O avô então a mistura no cabelo de Akin e penteia com um dos tesouros africanos guardados naquela pasta, um lindo garfo de marfim. Seu Dito então faz o maior Black Power do mundo. Akin se olha no espelho e se vê, um lindo menino negro refletir no espelho, com um penteado símbolo de glória e poder.

6. ANÁLISE DAS OBRAS

Conforme, já citado, a literatura infantil é incorporada na vida da criança desde muito cedo e possui um papel importante para o seu processo formativo e de desenvolvimento. A partir disso, buscando uma formação mais significativa e inclusiva, a demanda por uma literatura que promova uma maior valorização de uma diversidade étnica, histórica e cultural tem se tornado cada vez maior. Dessa maneira, a procura por referenciais literários, que tratam da temática étnico-racial vem ganhando mais força, dentro e fora das instituições de ensino.

Esta demanda, que já se fazia necessária, teve ainda mais impacto a partir da promulgação da Lei 10.639 de 2003, que determina a inclusão do ensino da temática, “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” nas instituições educacionais de todo o país, assim como descrito nos artigos:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'(BRASIL,2004,p.35).

Neste sentido, a literatura infantil vem a ser uma excelente oportunidade de inserir a temática Africana e Afro-brasileira no ensino, a fim de assegurar uma educação mais democrática e antirracista. Além disso, oportunizar o acesso das

crianças negras à uma literatura que promova a valorização e o reconhecimento da existência de uma diversidade étnico racial pode trazer identificação com os personagens e as situações contadas nos livros, fazendo com que o leitor possa “refletir sobre o seu papel social e contribui para a afirmação de uma identidade étnica(DEBUS,2007,p.1)”.

De acordo com Debus,

A visão etnocêntrica nos impingiu um repertório de textos literários que calou a voz dos negros, ora pela não inclusão como personagem/protagonista das narrativas, ora pela construção de um discurso hegemônico em que história e ficção traziam a versão dos vencedores. Acredita-se que a literatura pelo seu caráter simbólico possa contribuir sobremaneira para reflexões que rompam com uma visão construída sob o pilar da desigualdade étnica e se solidifique sob uma base de valorização da diversidade(DEBUS,2007,p.1).

Ademais, a inserção de uma literatura com base em narrativas positivas, se faz necessária para se discutir o racismo com as crianças, promovendo a desconstrução de uma visão hegemônica e eurocêntrica presente em nossa sociedade e que também faz parte do imaginário infantil.

Menina Bonita do Laço de Fita é uma obra de 1986, escrita pela autora Ana Maria Machado, que conta a história de uma linda menina negra que é questionada o tempo todo por um Coelho branco sobre a cor da sua pele. A menina, sem saber o motivo do porque ser “tão pretinha”, sempre inventa uma nova justificativa. Até que um dia, sua mãe surge e explica que a responsabilidade da cor de sua pele seria da sua avó.

A narrativa traz, em alguma medida, uma dose de inovação para a forma como a personagem negra é caracterizada, uma vez que a menina é enaltecida por sua cor, “pretinha”, rompendo, até certo ponto, com os estereótipos negativos que constantemente são atribuídos às pessoas negras. Além disso, a “menina bonita”, tem os seus cabelos trançados e enfeitados por sua mãe, o que demonstra cuidado com uma característica que é símbolo de luta e resistência para o povo negro.

Entretanto, outros aspectos que se mostram durante a narrativa merecem uma reflexão, em relação a alguns comportamentos e representação dos personagens.

A ausência de nome da personagem principal, é um dos fatos que deixa a desejar durante a narrativa, uma vez que a personagem, mesmo sendo admirada, é sempre a “menina bonita”, não possui um nome, como se sua existência fosse negada. O nome é uma das características que influencia no processo de construção das identidades dos sujeitos, criando um sentimento de pertencimento a determinado grupo social e propicia o reconhecimento de si mesmo. Assim, a não nomeação, coloca a personagem “à margem exatamente pela ausência de uma singularidade que marque a sua individualidade no espaço social (OLIVEIRA,2003,p.171)”.

Em relação à identidade étnico-racial da personagem principal, é possível perceber que mesmo tendo seus traços fenotípicos, de uma pessoa negra, descritas na narrativa, o pertencimento étnico-racial não acontece, uma vez que a “menina bonita” demonstra não ter ideia do motivo de ser “tão pretinha”.

No que se refere ao questionamento sobre a cor da pele, a autora ao tentar enaltecer a cor da pele da personagem principal do livro, deixa a desejar no sentido em que limita a identidade negra a apenas uma característica física, sendo colocada como algo exótico diante da curiosidade do Coelho.

Outro ponto negativo em relação a obra de Ana Maria Machado, se dá ao apresentar a mãe da “menina bonita”, descrita como uma “bela mulata”, termo este pejorativo e depreciativo colaborando para a reprodução de estereótipos raciais e fundamentos racistas.

Diante disso, Corrêa explica que,

É como se fosse impossível tratar de raça sem tratar de sexo ou de sexualidade: produto de relações sexuais (espúrias), o mulato trazia já no nome escolhido para designá-lo a marca de sua origem. (Durante algum tempo discutia-se na literatura médica se os mulatos, como o seu nome indica, eram ou não estéreis – como as mulas, produtos do cruzamento entre éguas e jumentos) (CORRÊA,2010,p.44).

Mais uma crítica que se apresenta em relação a essa obra, ocorre no momento em que a mãe da “menina bonita” intervém para tentar explicar o motivo da menina ser “tão pretinha”, a justificativa seria, “Artes de uma avó preta que ela tinha”. Essa explicação pode apontar para algum tipo de comportamento inadequado da avó da menina em relação ao homem branco. Esta crítica também é apontada em outras pesquisas, como (OLIVEIRA,2003; ANASTÁCIO, 2023).

Assim sendo, de acordo com Oliveira,

E a “menina bonita”, até o desenrolar da trama, não descobre o porquê de “ser tão pretinha”. Pois a sua mãe justificou a “cor” em virtude de uma “arte” da “avó” que ela tinha. A ideia que emerge da “arte” nesse sentido, tem uma conotação pejorativa, como sendo uma travessura feita pela avó da “menina” (OLIVEIRA,2003,p.172).

Já Betina, obra de 2009, da autora Nilma Lino Gomes, conta a história de uma linda menina negra que possui uma ligação muito especial com sua avó. No decorrer da narrativa, é possível perceber que a relação que existe entre neta e avó é marcada por questões que giram em torno da afirmação da identidade negra, cuidado e afeto. A afirmação da identidade de Betina é construída a partir do cabelo, por meio dos lindos penteados feitos por sua avó, passando pelos ensinamentos da avó sobre a arte de trançar os cabelos, até que Betina, já adulta, se transforma em uma cabeleireira de sucesso, espalhando tudo o que aprendeu por todos os cantos e ajudando outras pessoas a se reconhecerem, se identificarem e aceitarem suas raízes.

O cabelo, é um símbolo que representa uma história de muitos enfrentamentos e de força para o povo negro. “O cabelo é um marco muito forte da negritude, quando assumimos o nosso cabelo, estamos assumindo a nossa identidade negra, de muita força, luta e orgulho (ROSA,2022,p.30).” Assim, o cabelo afro se manifesta como um ato político, um sinal da afirmação da identidade negra e está ligado a um processo de luta contra o racismo. Posto isto, a narrativa mostra que Betina não se cala em face do preconceito que sofre dos seus colegas de escola, se revelando uma menina

empoderada e que ostenta seu cabelo com muito orgulho, reafirmando mais uma vez sua identidade negra, além da valorização da cultura e a auto aceitação.

Outro elemento que se destaca positivamente durante a narrativa, está relacionada à ancestralidade. A autora se utiliza da ancestralidade para explicar sobre a partida da avó de Betina, ressaltando a importância histórica construída por seus antepassados, dos ensinamentos deixados, da coragem e das lutas travadas por aqueles que vieram antes.

Neste sentido a ancestralidade possui papel importante para a construção da identidade negra das crianças, já que enaltece a existência de uma diversidade étnica, histórica e cultural e amplia o conhecimento sobre as origens e raízes africanas, oportunizando maior reconhecimento e uma identificação genuína com os personagens negros.

Quando os personagens descobrem as histórias de seus antepassados, como retratado nos livros, isso serve para adquirir um reconhecimento pessoal, podendo influenciar na criação da identidade e do pertencimento a cultura e a sociedade (ROSA, 2022, p.43).

A ancestralidade também é o recurso que aparece na obra, *O Mundo no Black Power* de Tayó, de 2013, da autora Kiusam de Oliveira. Na produção, Tayó é uma linda menina negra que já possui sua identidade étnica afirmada e projetada, através de seu penteado, toda cultura, tradição, história e saberes do povo africano.

Com base nisso, Fernandes explica que,

Com sua imaginação, autoestima e poder de conhecimento sobre si mesma, ela é capaz de promover uma viagem às memórias dos seus antepassados, de maneira que evidencia toda a significância e contribuição para a construção da historicidade (FERNANDES, 2023, p.22-23).

Os traços fenotípicos da menina são descritos como elementos de grande valor e sobre sua cabeça ostenta, muito orgulhosa seu cabelo crespo com um lindo Black

Power. O Black Power de Tayó, além de um símbolo de resistência do povo negro, demonstra o autocuidado da menina com a parte do corpo que ela mais gosta, rompendo com narrativas racistas que insistem em associar o crespo a um cabelo dito “ruim”. Neste sentido, ao passar um episódio de racismo na escola, Tayó usa sua voz para enfrentar a discriminação sofrida por parte de seus colegas, reafirmando sua identidade negra e autenticidade.

No entanto, o livro O Black Power de Akin, de 2020, também de autoria de Kiusam de Oliveira, traz o personagem Akin, um lindo menino negro, que ainda está passando pelo processo de aceitação e de afirmação de sua identidade negra. Diferentemente de Tayó, que possui sua identidade étnica afirmada e se orgulha de seu Black Power, Akin passa por conflitos que envolvem seu cabelo crespo. Sendo assim, dotado de uma identidade ainda fragmentada, Akin tenta esconder os seus cabelos usando um boné para ir para a escola. A escola, mais uma vez, surge na narrativa como um espaço reprodutor de racismo e falas preconceituosas.

Segundo pesquisa realizada por Gomes(2002),

A trajetória escolar aparece em todos os depoimentos como um importante momento no processo de construção da identidade negra e, lamentavelmente, reforçando estereótipos e representações negativas sobre esse segmento étnico/racial e o seu padrão estético.

O cabelo também aparece mais uma vez, assim como nos episódios racistas narrados em Betina e O Mundo no Black Power de Tayó, como o principal alvo da discriminação racial sofrido pelos personagens. Em O Black Power de Akin, o menino passa por vários episódios de racismo que o deixa muito fragilizado, com isso ele deseja não ser negro e se vê como um menino branco ao se olhar no espelho, demonstrando mais uma vez a fragmentação e a negativa em relação a sua identidade.

Outro momento, em que o personagem vivencia mais uma vez o racismo na escola gira em torno do seu nome. Durante uma brincadeira de pega-pega, os colegas o chamam, de forma pejorativa de “Pelé”, o que o deixa bastante desconfortável e chateado, ele reage e reforça que seu nome é “Akin”. Isso comprova a importância

do nome do personagem, como parte integrante do processo de construção identitária individual do sujeito e marca a sua singularidade. Em relação à isso Passos e Passos explicam que,

Comum em práticas racistas e preconceituosas, “desnomear” pessoas negras de todas as idades é comum dentro e fora dos espaços escolares. Akin tem nome próprio. A linguagem “kiusamiana” corrobora no construto identitário a partir do nome, o qual é importante para a construção e para o fortalecimento da identidade individual(PASSOS;PASSOS, 2021,p.546).

Diante de tantos eventos racistas, enfrentados pelo personagem, Akin está prestes a tomar uma decisão radical e tenta cortar seus cabelos, quando é interrompido por seu avô. Seu Dito Pereira surge com todo o seu afeto, utiliza sua cultura e sua ancestralidade como elementos importantes para a afirmação da identidade negra de Akin. Assim, o avô através de alguns desenhos e fotos de seus antepassados, conta para os netos sobre suas raízes vindas de reis e rainhas africanos. Além disso, com um pente de marfim guardado há muitas gerações, o avô penteia o cabelo de Akin, que ao se olhar no espelho, se vê como um lindo príncipe negro e em seguida se vê como ele mesmo.

Neste sentido, evidencia-se, mais uma vez, o papel da ancestralidade como um recurso importante utilizado para o resgate e a construção da identidade negra. Ainda, quando se apresenta a riqueza de uma diversidade étnica, histórica e cultural para as crianças, assim como sobre a realeza e os saberes africanos e afro-brasileiros, elas são capazes de enxergar para além do simplismo atribuído ao povo negro.De acordo com Rosa,

Assim, essas obras podem ajudar a combater o reducionismo da representatividade de pessoas, da história e da cultura negra à escravidão e explorar uma nova representatividade a partir da literatura infantil na Educação Infantil(ROSA,2022,p.43).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentar perspectivas diferentes sobre a trajetória do povo africano e afro-brasileiro nas escolas, contribui significativamente para um novo olhar sobre a história de um povo que enfrentou com muita luta e resistência para alcançar a liberdade, uma história fundamental para a formação da nossa sociedade, mas que é apresentada de maneira limitada no ambiente escolar e reproduzida fora dele.

Durante a análise dos livros foi possível perceber que houve inovação no que se refere a representação dos personagens negros, bem como sobre a sua história, cultura e comportamento. Ainda, a análise revelou que o livro mais antigo, *Menina Bonita do Laço de Fita*, de 1986, tem uma inclinação maior para representações com base em fundamentos racistas e narrativas negativas, contradizendo as obras mais recentes, demonstrando algo que já foi mencionado em pesquisas anteriores que, “quanto mais antiga seja a obra, maiores são as chances de conter estereótipos negativos e racismo implícito ou explícito (ARAÚJO, 2018,p.73).

Outro ponto importante que surgiu durante a análise dos livros, foi a valorização do cabelo natural, demonstrando autenticidade e autocuidado dos personagens negros. Estes elementos são fundamentais para que as crianças se identifiquem, promovendo a autoestima e a autoaceitação.

A ancestralidade também é mais um dos aspectos que se destacaram durante a análise, como um agente importante para o processo de construção de uma identidade étnica afirmativa. Através da ancestralidade o leitor entra em contato com elementos que fazem parte da história, da cultura, dos saberes e da existência do povo negro, promovendo o reconhecimento de uma diversidade étnica e cultural existente, colaborando para o resgate de uma identidade que por muito tempo se manteve fragmentada.

Diante disso, a análise revelou a necessidade de um cuidado maior no momento da escolha dos livros e materiais que serão apresentados às crianças, de modo que a criança negra tenha acesso a produções que contenham narrativas e

representações positivas, que estimulem sua imaginação e colaborem para a construção de uma identidade negra afirmativa.

Com isso, a ação do adulto se mostra imprescindível, nesse processo, objetivando uma mediação que crie condições e ofereça recursos para que a criança possa fazer interpretações positivas em relação aos referenciais históricos, culturais, étnicos e sociais apresentados. Assim para o contexto escolar, recomenda-se que seja desenvolvido um trabalho pedagógico estruturado visando a inserção de referenciais positivos, em busca da desconstrução de estereótipos racistas e o rompimento com os preconceitos enraizados em nossa sociedade.

Sendo assim, este trabalho busca contribuir com a desconstrução de uma perspectiva eurocêntrica e hegemônica no campo da literatura infantil, dentro e fora do ambiente escolar, apresentando referenciais que abordem a temática étnico-racial e tenham a representação de personagens negros como protagonistas de suas histórias. Dessa forma, inserir esta literatura se faz necessária para se discutir o racismo com as crianças, e tendo a escola como um espaço primordial de socialização, de integração e de formação se torna essencial a ampliação do uso destas obras como um meio de estimular esta discussão.

Logo, este estudo visa fortalecer o entendimento a respeito da importância da temática étnico racial na Literatura Infantil para que as crianças negras se reconheçam, se sintam pertencentes, respeitadas e valorizadas, contribuindo diretamente para a construção de sua identidade e subjetividade e, como resultado, promover a autoaceitação e elevar a autoestima. Assim, esta pesquisa tem por objetivo contribuir e ampliar a conscientização e construção de uma sociedade menos racista e romper significativamente com um sistema de reprodução das desigualdades sociais e educacionais que inferiorizam, desqualificam e desrespeitam as pessoas negras, tanto no que se refere às suas características físicas, quanto às suas características culturais.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, Débora Cristina de, As relações Étnico-Raciais na Literatura Infantil e Juvenil. Dossiê – Educação e Relações Étnico-Raciais: o estado da arte • Educar em Revista, v.34, n.69 • Maio/Junho 2018.

ARAÚJO, Débora Cristina de, Pesquisas sobre as relações étnico-raciais na literatura infantil e juvenil: discursos dentro e fora da escola - X COPENE – Uberlândia-MG – Outubro/2018.

ANASTÁCIO, Agatha Danielli Liberato Ferreira. Análise de obras de literatura infantil utilizadas como recurso pedagógico no município de Mariana (MG): a educação infantil como espaço de valorização e construção de identidades de crianças negras – Março 2023

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africanas. Brasília: Secad/MEC, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura Infantil: teoria, análise, didática. São Paulo - Moderna, 2000.

CORREIA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 6/7, p. 35–50, 2010.

DEBUS, E.S.D. A literatura infantil contemporânea e a temática étnico-racial: mapeando a produção. Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil - Seminário de Literatura Infantil e Juvenil, 2007.

FERNANDES, Islaine de Souza. O mundo no Black Power de Tayó, de Kiusam de Oliveira: construção da identidade étnico-racial através da literatura infantil - 2023

FLEURI, R. M. Intercultura e Educação. Revista Grifos, n. 15, p. 16 – 35, maio, 2003.

FREITAS, Kallyane Bernardino de. Diversidade étnico racial no ambiente escolar : Percepção e atuação de professoras de uma escola municipal na cidade de Campina Grande/PB – 2019.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação - Revista Brasileira de Educação, Nº 21, Set/Out/Nov/Dez - 2002

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Educação Antirracista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Betina. Mazza Edições , 2009.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos.– Cap.1- O multiculturalismo e seus significados- p.10-41 – Belo Horizonte (1998).

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro -11. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LIMA, Fernanda Alencar- A literatura infantil afro brasileira na construção da identidade étnico racial/ Fernanda Alencar Lima, Maria Celeste Conceição Gama- Recife 2018 – 70 f. UFRPE.

MACHADO, Ana Maria. Menina Bonita do laço de fita. Rio de Janeiro: Ática,2000.

MATA, Flávia Filomena Rodrigues da Protagonistas negros nas histórias infantis: perspectivas de representações da identidade étnico-racial das crianças negras em uma Unidade Municipal de Educação Infantil - UMEI / Flávia Filomena Rodrigues da Mata. Belo Horizonte, 2015.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza, Metodologia qualitativa de pesquisa - Universidade de São Paulo – Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras : 1979-1989 - Salvador – Maio/2003.

OLIVEIRA, Kiusam de. O mundo no Black Power de Tayó. Fundação Peirópolis,2013.

OLIVEIRA, Kiusam de. O Black Power de Akin. Cultura, 2020.

RAMOS, Angela Maria Parreiras. Construção da identidade étnico-racial: o papel Da literatura infantil com protagonistas negros e histórias das culturas africanas. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

ROMANI,Simone, RAJOBAC, Raimundo – Por que debater sobre interculturalidade é importante para a Educação? – p. 65-70 – Revista Espaço Acadêmico – nº127 - Dezembro de 2011.

ROSA, Raquel Dias Flores da. Literatura infantil e as relações étnico-raciais: personagens negros protagonistas nos livros de literatura infantil - Porto Alegre - 2022

SOUZA, Maria Natânye Silva De, SOUSA, Maria Isabella Santos, SILVA, Rita de Cássia Gomes, RAMOS, Fabiana, Literatura infantil afro-brasileira e a construção da identidade étnico-racial. Anais VIII CONEDU – Campina Grande: Realize Editora,2022.

